

Paralelos entre a beleza e a tragédia: uma análise de padrões estéticos e o desenvolvimento de complexos

Mariana Dessico Capitchen¹
Nixie Lenore Estruzani de Moraes²
Mauro Sérgio da Rocha³

Resumo

O corpo e a aparência são considerados e valorizados como parte da identidade dos indivíduos desde a antiguidade. Apesar disso, a intensificação da volatilidade de padrões de beleza na atualidade contribui para processos de insatisfação e baixa autoestima. Nessa perspectiva, este artigo tem como proposta discutir sobre as consequências dos padrões sociais na expressão da beleza, a partir da perspectiva simbólica de Carl G. Jung, estabelecendo paralelos entre os conteúdos mitológicos, conteúdos coletivos e padrões sociais. Assim, para ilustrar a construção teórica, foi utilizado o conto da mitologia grega “Eros e Psiquê”. Nele, Afrodite se torna invejosa e vingativa ao descobrir que uma mortal, Psiquê, está sendo mais adorada por sua beleza do que ela. Nesse viés, é possível verificar como o conto reflete características contemporâneas e destacar a importância de reconhecer e transformar esses aspectos nocivos, com o objetivo de promover a conexão com as qualidades positivas da deusa Afrodite na vivência do feminino.

Descritores

complexo, estética, mitologia, psicologia junguiana.

Parallels amongst beauty and tragedy: an analysis of aesthetic standards and the development of complexes

Abstract

Body and appearance have been considered and valued as a part of people's identity since ancient times. Despite that, the escalation of the volatility of beauty standards in modern time contributes to processes of dissatisfaction and low self-esteem. Then, this article has the proposal to discuss the consequences of social standards in the performance of beauty, from the symbolic perspective of Carl G. Jung, establishing parallels between mythological contents, collective contents, and social patterns. To exemplify the theoretical construction, the Greek myth ‘Eros and Psyche’ is used, in which Aphrodite becomes envious and vengeful

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR, Sede.

² Acadêmico do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR, Sede.

³ Docente do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR, Sede.

when she finds that the mortal, Psyche, is being more worshiped for her beauty, than her. Thus, it is demonstrated how the tale represents contemporary characteristics, and the importance of recognizing and transforming these harmful aspects is pointed out, with the intention of providing the relationship with positive characteristics of the goddess Aphrodite in the experience of the feminine.

Descriptors

complex, aesthetics, mythology, jungian psychology.

Paralelas entre la belleza y la tragedia: un análisis de estándares estéticos y el desarrollo de complejos

Resumen

El cuerpo y la apariencia han sido considerados y valorados como parte de la identidad de los individuos desde la antigüedad. A pesar de esto, la intensificación de la volatilidad de los estándares de belleza en la actualidad contribuye a procesos de insatisfacción y baja autoestima. Por lo tanto, este artículo se propone discutir las consecuencias de los estándares sociales en la expresión de la belleza, desde la perspectiva simbólica de Carl G. Jung, estableciendo paralelismos entre los contenidos mitológicos, los contenidos colectivos y los estándares sociales. Para ejemplificar la construcción teórica, se utiliza el cuento de la mitología griega 'Eros y Psique', en el que Afrodita se vuelve envidiosa y vengativa cuando se entera de que una mortal, Psique, está siendo adorada más por su belleza que ella. Así, se demuestra cómo el cuento representa características contemporáneas, y se señala la importancia de reconocer y transformar estos aspectos nocivos, con la intención de dotar a la relación de características positivas de la diosa Afrodita en la experiencia de lo femenino.

Descritores

complejo, estética, mitología, psicología junguiana.

Introdução

A valorização do corpo e da aparência como parte da identidade do sujeito é um fenômeno presente nas sociedades desde a antiguidade. Contudo, a intensificação da volatilidade de padrões de beleza na atualidade contribui para processos de insatisfação e baixa autoestima, gerados por uma incessante busca por atingir o ápice da beleza. A esse respeito, Woodman (1982/2002) explica que muitas pessoas, mas principalmente as que se expressam de forma feminina, possuem insatisfações com a sua aparência.

Assim, por considerar esse contexto e sua implicância na clínica psicológica, este artigo tem como proposta discutir sobre as consequências dos padrões sociais na expressão da

beleza. Para tanto, uma visão simbólica que integra conteúdos mitológicos, conteúdos coletivos e padrões sociais será estabelecida.

Primeiramente, faz-se uma revisão literária para definir a função psicológica dos mitos e sua relevância na vida dos indivíduos, a partir da perspectiva analítica de Carl G. Jung. Em seguida, apresenta-se a mitologia e sua relação com os estereótipos da beleza. Nesse item, para exemplificar a construção teórica, o conto da mitologia grega intitulado “Eros e Psiquê”, por Apuleio, é descrito. A escolha do conto se deve ao fato de que ele aborda aspectos recorrentes de inveja e busca pela beleza, temas cada vez mais discutidos na atualidade.

Nesse viés, a intenção é refletir sobre a comparação e a pressão social para se encaixar em determinados padrões, muitas vezes irrealis e inalcançáveis. Isso pode resultar em transtornos alimentares, distúrbios de imagem, sensação de insatisfação pessoal e emocional, entre outras questões de saúde mental.

Aliado a isso, Santaella (2004/2008) diz que a mídia é um forte agente de difusão dos ideais corporais, principalmente quando utilizada por indústrias voltadas para a beleza (como cosméticos, vestuário, cirurgias estéticas e dietas), o que gera um fascínio na sociedade em busca de novas tendências e métodos para ter uma aparência mais desejável. Ou seja, o que antes era ligado aos mitos e deuses, hoje se liga às redes sociais e eventos coletivos.

A partir disso, o objetivo é fazer uma interpretação da história do conto, traçando paralelos entre Afrodite e a projeção de suas imagens arquetípicas no mundo contemporâneo, que idealiza padrões estéticos e promove a manifestação de traços negativos da deusa. No texto, utiliza-se o termo ‘feminino/a’, que aqui não é tido como sinônimo de gênero. Na verdade, é um termo amplo, já que aborda representações simbólicas de Afrodite. Essas representações podem surgir em qualquer tempo e cultura, e manifestar-se na psique de qualquer pessoa, independentemente de seu gênero.

Assim, finaliza-se com apontamentos para o reconhecimento e a transformação desses aspectos nocivos, com a intenção de promover a relação com as características positivas da deusa Afrodite na vivência do feminino.

Psicologia analítica, mitos e a sociedade

Whitmont (1982/1991) diz que falar sobre deusas e deuses pode ser visto como uma atividade arcaica para as mentes atuais. Todavia, Para a psicologia analítica, essas representações são reais e poderosas, e podem trazer à tona conhecimentos sobre os níveis mais profundos da mente humana. Desse modo, para compreender tal afirmação, é necessário pontuar e esclarecer alguns conceitos básicos da psique humana a partir da teoria junguiana.

Jung (1947/2014a) retrata que a mente humana está dividida em três níveis: a consciência, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. A consciência é a parte da psique que todo ser humano pode conhecer, contendo conteúdos percebidos de forma pontual, como sentimentos, experiências, estímulos e sensações. Diariamente, diversos acontecimentos são experimentados pelos indivíduos, e esse material é filtrado pelo ego, que organiza a consciência para evitar uma sobrecarga de conteúdos acumulados. Essa estrutura está intimamente ligada ao processo de individuação (que será abordado adiante), pois permite o armazenamento de mais experiências na camada consciente (Hall; Nordby, 1986/2021).

Já a camada do inconsciente pessoal é composta por conteúdos de ordem individual e pessoal, ou seja, que foram adquiridos por experiências de vida de uma pessoa, como sensações, percepções, desejos, atos involuntários e memórias. Em algum momento, esses conteúdos já estiveram de alguma forma na consciência, mas foram perdendo sua intensidade, sendo reprimidos, ou são conteúdos que avançam do inconsciente coletivo e ainda não estão claros para identificação do sujeito. Apesar disso, Jung (1928/2014b, p. 24, §218) aponta que “[...] há sempre a possibilidade de tornar conscientes os conteúdos reprimidos e mantê-los na consciência [...]”. Assim, pode-se afirmar que certos conteúdos do inconsciente pessoal apenas não estão lúcidos no momento. Nessa camada, esses conteúdos de ordem pessoal podem se encontrar com os conteúdos de ordem coletiva, que não podem ser explicados por aquisições individuais.

Esses conteúdos vêm de um nível mais profundo, chamado inconsciente coletivo. Essa camada se distingue da pessoal por envolver conteúdos de ordem universal, que não são de aquisição pessoal. Jung (1947/2014a) explica que esses conteúdos são disposições e instintos hereditários, que possuem origem desde os primórdios da humanidade. Tais conteúdos recebem o nome de arquétipos. Jung (1916/2013a) relata que esses arquétipos fazem parte de experiências vividas de modo constante pelos sujeitos, já que constituem na psique influência e aptidão para reproduzir as mesmas ideias míticas dos antepassados, ou ao menos parecidas, indicando então que a consciência humana não é uma tábula rasa, livre de pressupostos.

Vale salientar que os arquétipos se apresentam na psique humana como possibilidades. Portanto, não se tratam de heranças diretas, mas sim de predisposições, que podem influenciar direta ou indiretamente a consciência. Quando o arquétipo se mostra no aqui e agora, ele não está em contato direto com os seres humanos, mas, sim, em contato indireto, já que se manifesta através de imagens, símbolos, sintomas e complexos. Então, lidamos com imagens dos arquétipos, não com eles em si. As imagens arquetípicas explicam o fenômeno de temas

que se repetem ao redor do mundo e em diversas épocas, como em lendas, contos, mitos e histórias (Jacobi, 1957/2017).

Em sua essência, os arquétipos são neutros, mas, ao se tornarem imagens e entrarem em contato com fatores externos e conscientes, eles se modificam, misturam-se com experiências pessoais e adquirem o potencial de se tornarem conteúdos bons e ruins (Jung, 1959/2016). É justamente essa a possibilidade de formação dos complexos e suas constelações na psique que ocasionam a formação de pólos positivos e negativos, com qualquer conteúdo psíquico.

Jung (1947/2014a) explica que os complexos se desenvolvem a partir dos arquétipos, quando o conteúdo desses últimos se mistura com experiências de vida pessoais. Eles são independentes e possuem forte carga afetiva. Por esse fato, podem manipular ou atravessar as intenções de um indivíduo quando não ligados ao ego. Quanto mais irreconhecíveis de sua existência eles são, mais fortes se tornam, obtendo mais autonomia e mais influência na psique do indivíduo. Às vezes, superam as intenções conscientes e podem dominar a psique humana.

O conhecimento sobre os complexos é, portanto, essencial para o estudo do conto que será apresentado. Eles agem de forma autônoma, impõem-se, influenciam o desejo e podem até mesmo tomar posse da consciência (Jacobi, 1957/2017).

Pensando no conteúdo desses complexos, encontramos aqueles que possuem relação com a mitologia, como as deusas gregas. Para Kast (1999/2022), os mitos consistem em interpretações e representações do mundo, com o propósito de promover a relação do indivíduo com os desafios comuns do coletivo e, por vezes, até mesmo com o universo, possibilitando a compreensão da vida.

Ademais, a autora afirma que “mitos são narrativas que falam também a nós, os seres humanos de hoje, que desafiam a nossa imaginação e nos encorajam a reconhecer os nossos problemas em seu espelho” (Kast, 1999/2022 , p. 82) . Por isso, estudar sobre essas histórias promove uma forma de visualizar e entender as histórias individuais e coletivas das pessoas.

Pensando em mitos, Bolen (1984/1990) apresenta que toda pessoa possui várias deusas atuando de forma inconsciente em seu íntimo. Para a autora, algumas deusas possuem mais poder de atuação do que outras, e isso explicaria as diferenças entre o que motiva a pessoa, seus desejos, suas compulsões, frustrações e o que a satisfaz. Assim, ao tratar das imagens arquetípicas das divindades, lida-se com possibilidades e múltiplas formas do ser dentro de um espectro feminino. Em sua obra, a autora também afirma que:

As deusas gregas são imagens de mulheres que viveram na imaginação humana por mais de três mil anos. [...] elas representam padrões inerentes ou arquétipos que podem modelar o curso da vida. [...] As deusas diferem uma da outra. Cada uma delas tem igualmente traços positivos e outros potencialmente negativos (BOLEN, 1984/1990, p. 30).

Por meio dessa análise, percebe-se que as deusas em si possuem um equilíbrio entre os aspectos negativos e positivos, justamente por se tratarem de arquétipos. Desse modo, o que acontece é que, forças exteriores, como os estereótipos socioculturais, reforçam alguns padrões e contêm outros. Ou seja, alguns aspectos positivos ou negativos de uma deusa podem ser intensificados ou reprimidos de acordo com os ideais de uma determinada sociedade (Bolen, 1984/1990).

Na mitologia grega, apesar de todas as deusas serem descritas como belas, Afrodite, ou Vênus (como é nomeada na mitologia romana), é conhecida por ser a personificação divina do belo, além de representar o amor, o prazer e a sensualidade. Sua figura é retratada em diferentes pinturas e esculturas e, em sua maioria, ela aparece com vestimentas molhadas, tecidos que aparentam ser finos ou até mesmo nua.

Normalmente, fala-se das características positivas da deusa, mas Afrodite também apresenta traços negativos em diversas histórias mitológicas, especialmente quando sua beleza é desafiada. Nessas situações, Afrodite é possuída por grande ira e inveja, punindo física e psicologicamente mulheres e homens que ameaçam seu título de mais bela. Isso é exemplificado na história de Mirra, uma jovem que Afrodite fez se apaixonar pelo próprio pai, e de Fedra, usada como um peão pela deusa para atingir seu enteado Hipólito, que se recusou a honrá-la e cultuá-la (Bolen, 1984/1990).

O que se pode dizer, a partir dessas colocações, é que as deusas ainda estão entre nós. Elas movimentam conteúdos psíquicos e direcionam comportamentos que, dentro da sociedade atual, colocam o sujeito frente a conteúdos positivos ou negativos advindos das características de cada uma dessas personalidades femininas.

A ira de Afrodite no conto Eros e Psiquê

O fragmento da obra “Metamorfoses”, chamado Eros e Psiquê, de Apuleio (século II d.C.), segundo Neumann (1971/2017), conta que Psiquê era uma humana e a mais nova das três filhas de um rei. Ela passou a ser notada por sua beleza, e logo surgiram boatos de que

uma jovem linda como uma divindade transitava entre os humanos. Esses boatos se espalharam até as sociedades mais distantes, atraindo burgueses e estrangeiros para vislumbrar pessoalmente aquela que era considerada a nova Vênus. Apesar de toda a adoração, nenhum homem havia chegado perto de pedir Psiquê em casamento.

Devido a esse fato, as oferendas a Afrodite decaíram e os templos construídos em seu nome ficaram vazios. A deusa, indignada, pede a seu filho, Eros, que use suas flechas e faça a impostora se apaixonar pelo mais horrendo dos homens, para que sofresse sozinha e perdesse toda sua dignidade. Mas, ao avistar Psiquê, Eros se apaixona e escolhe usar sua flecha em si mesmo, para amá-la para sempre.

O pai de Psiquê, ao ver a solidão da filha, pediu ao Oráculo de Apolo de Mileto que arranjasse um casamento para ela. A divindade então disse ao rei para levá-la até o rochedo mais alto do monte, onde ela deveria esperar por um monstro cruel e destrutivo, cercado por cobras, que seria seu futuro marido. O povo do reino acompanhou a noiva até a base da montanha e, em prantos, ela subiu sozinha até o rochedo, onde adormeceu. Na manhã seguinte, ao explorar a floresta, encontrou um palácio que certamente não havia sido construído por humanos. Dentro, havia tesouros, diversos vinhos e um banquete preparado por criadas invisíveis. As criadas informaram Psiquê que ela conheceria seu marido à noite, no quarto do casal, para consumir o casamento.

Ao escurecer, a jovem vai até seu quarto, apavorada com o pensamento de perder sua virgindade. Ela se encontra pela primeira vez com seu esposo que, assim como as criadas, só era perceptível por voz e tato. Ele avisou que ela corria perigo, pois suas irmãs estavam à sua procura, mas Psiquê deveria ignorá-las. Porém, após diversos pedidos ao seu esposo, ele finalmente permite que ela veja suas irmãs, com a condição de que ela não falasse nada sobre ele.

Assim, Psiquê abriu as portas de seu palácio para suas irmãs, onde elas se banharam, comeram e receberam vários tesouros como presentes. A abundância de seu casamento despertou profunda inveja nas irmãs, que tramaram um plano para destruir essa harmonia. Naquela mesma noite, seu marido a avisou novamente para que tomasse cuidado e não desse ouvidos ao que dissessem sobre ele, pois ela estava carregando seu filho no ventre.

Os dias se passaram e Psiquê desejava compartilhar a notícia de que seria mãe. Então, implorou ao seu esposo que deixasse suas irmãs visitá-la novamente. Ao se reencontrarem, as irmãs manifestaram muita preocupação, pois se lembravam da previsão do Oráculo, além de ouvirem diversos camponeses e caçadores da região dizerem que naquele monte morava um horrível monstro, que a devoraria junto com a criança. Transtornada por essas palavras,

Psiquê admitiu que nunca viu o rosto de seu esposo, apenas ouvia sua voz. Então, as irmãs sugeriram que ela preparasse um candeeiro e um punhal, e quando ele dormisse, ela deveria iluminar o rosto do monstro e logo em seguida, apunhalá-lo no pescoço.

E assim o fez. Ao anoitecer, Psiquê se aproximou silenciosamente de seu marido adormecido e usou o candeeiro para vê-lo. Para sua surpresa, ele não era um monstro como esperava. Deitado na cama estava uma bela figura masculina, com cabelos dourados ondulados, pele lisa e grandes asas com penas brancas: o deus Eros. Ao lado da cama estavam suas flechas e seu arco. Encantada, Psiquê pegou uma das flechas para observá-la de perto, mas ao fazer isso, cortou-se com a ponta afiada, apaixonando-se profundamente pelo deus do amor.

Consumida pela paixão, ela se inclina sobre a cama e começa a beijar seu marido. Mas, esquece-se do candeeiro, que acaba pingando óleo quente no ombro de Eros, fazendo-o acordar. Ele se distancia abruptamente dela e, sem dizer nada, voa em direção aos céus. Ela se agarra às suas pernas para tentar impedi-lo, mas logo cai. Dentre as nuvens, seu amado revela que, apesar de sua mãe, Afrodite, ter lhe pedido para fazê-la se apaixonar por uma criatura pavorosa, ele escolheu se apaixonar por ela e tornar-se seu amado. O deus do amor diz a ela que, mesmo após as advertências, ela acreditou nos conselhos de suas irmãs, tanto que queria cortar sua cabeça com um punhal. Logo, elas iriam receber um castigo. E diz ainda que o castigo de Psiquê será sua ausência.

Ela chorou por alguns dias, mas depois, determinada a provar seu amor e fidelidade, começou a procurar Eros por toda parte. Ele estava no templo de sua mãe quando uma gaivota branca o avistou. Rapidamente, a gaivota foi até o fundo do mar, onde Afrodite estava, e contou a ela que seu filho estava doente de paixão por sua esposa. Também relatou o que viu nas cidades: o povo havia notado a ausência da deusa, já que ela estava praticamente escondida nas profundezas das águas. Não havia mais casamentos, romance, amor e nem mesmo amizade entre as pessoas. Afrodite, irritada, perguntou quem havia feito seu filho sofrer e explodiu de raiva quando a gaivota respondeu que era Psiquê.

Então, prontamente, a deusa vai até seu palácio de ouro e começa a gritar com o filho. Reclama de sua malcriação e insolência, dizendo que irá humilhá-lo por tê-la desrespeitado e que adotará um escravo para ser seu novo filho. Completamente aborrecida, ela grita que, agora que foi completamente ridicularizada, fará de tudo para que ele se arrependa, e que será um consolo vingar-se de sua esposa imunda.

Afrodite declara que fará Psiquê se apaixonar tão profundamente por Eros que ela desejará tê-lo só para si. Para isso, Psiquê tomará sua aljava e suas flechas, destruirá seu arco,

raspará seus cabelos loiros ondulados e, por fim, sentirá que houve justiça ao cortar as asas de seu filho. Dito isso, ela se retira.

A humana Psiquê continuava vagando à procura de Eros. Então, ela encontrou a deusa Deméter e pediu sua ajuda, mas teve suas súplicas negadas. Psiquê também implorou por piedade à deusa Hera, mas, assim como antes, seus choros foram em vão. Hera a negou, dizendo que não iria contra a vontade de Vênus. Desesperada e sem saber o que mais fazer, Psiquê decide se render à sua senhora, Afrodite.

Enquanto isso, nos céus, Vênus, junto com seu irmão Júpiter, o deus dos deuses, anunciou que, se alguém soubesse do paradeiro de Psiquê, poderia encontrar-se com Mercúrio, também conhecido como Hermes, o mensageiro dos deuses, para reportar informações sobre o paradeiro da jovem e, assim, receberia sete presentes. Ouvindo esse anúncio, Psiquê vai apressada para o palácio da sogra, mas, bem perto dele, é avistada por uma das escravas, chamada Hábito. Ela agarrou Psiquê pelos cabelos e a arrastou até sua senhora. Ao vê-la, Afrodite gargalha alto e chama suas criadas, Inquietação e Tristeza, ordenando que elas torturem a garota humana.

Quando retornam, a deusa da beleza diz que o bebê na barriga de Psiquê não despertaria sua compaixão, se é que ela permitiria seu nascimento. Então, lançou-se sobre a jovem grávida, rasgou suas roupas, arrancou seus cabelos e a espancou. Em seguida, fez um monte composto por diversos grãos, incluindo trigo, cevada, grão-de-bico, sementes de papoula, lentilha e favas, e disse a Psiquê que ela teria que trabalhar para poder ficar com seu amante. Sua tarefa era separar os milhares de grãos até a noite.

Psiquê permaneceu parada, em silêncio, até que viu uma formiguinha passando por ali. O pequeno animal sentiu pena da jovem e convocou um batalhão de formigas para ajudá-la. Trabalhando duro, elas conseguiram separar os grãos por espécie, deixando tudo em montes separados, e logo foram embora. Quando Afrodite retornou, toda perfumada de uma festa, viu que a tarefa havia sido concluída perfeitamente e ficou enfurecida, pois sabia que aquilo não tinha sido obra de Psiquê. Então, deu-lhe outra tarefa.

Vênus apontou para um bosque que acompanhava as margens do rio, onde havia quedas perigosas. Ela disse que naquela região ficavam ovelhas ferozes e que, custe o que custar, Psiquê deveria trazer um pouco de lã para ela. Psiquê acatou a ordem e foi rapidamente ao rio, não para realizar sua tarefa, mas para se livrar de seu sofrimento, jogando-se de um rochedo. Porém, antes que pudesse fazer isso, ela ouviu a voz da mãe natureza dizendo que ela não deveria perturbar as águas com a morte, e muito menos tentar chegar perto das

ovelhas durante o dia, pois o calor as deixava furiosas. Deveria esperar pelo pôr do sol e sacudir os galhos das árvores, dos quais cairiam flocos de lã dourada.

Seguindo os conselhos da natureza, Psiquê consegue realizar a tarefa, mas Afrodite não se comove, pois sabia que aquele êxito não era resultado dos esforços de Psiquê. Assim, a deusa pega um recipiente de cristal e diz que ela deve ir até o rochedo mais escorregadio da montanha mais alta e encher o recipiente com as águas da fonte mais alta. Ao chegar ao rochedo, Psiquê fica apavorada. Ele era muito alto e completamente perigoso por ser escorregadio. As águas que jorravam caíam direto em um abismo, e o caminho até lá estava cheio de cobras venenosas, cuja missão era guardar aquele lugar. Uma águia real, a predileta de Júpiter, decide ajudá-la. Segurando a jarra de cristal com suas garras, a águia consegue esquivar-se dos dentes afiados das serpentes e enche a jarra com a água espumante.

Novamente, concluir uma tarefa com êxito não aplacou Afrodite. Então, a deusa entregou uma caixinha a Psiquê e ordenou que ela descesse até o inferno para se encontrar com a deusa Perséfone no palácio do Orco. Psiquê deveria entregar a caixinha e pedir a Perséfone que enviasse um pouco de sua beleza para Afrodite, mesmo que fosse para durar apenas um dia. Apesar do percurso traiçoeiro, Psiquê completou a tarefa perfeitamente, mas, ao sair do mundo das trevas, ficou curiosa. Ela percebeu que estava segurando um recipiente com um creme de beleza imortal e pensou que, com um pouco dele, poderia atrair Eros. Então, abriu a caixinha, mas lá dentro não estava o creme de beleza, e sim uma fumaça letárgica, que a fez entrar em um estado de sono profundo, como se estivesse morta.

Eros, já curado de sua queimadura causada pelo candeeiro, foi ao encontro de Psiquê e a acordou com o toque de uma de suas flechas. Ele lhe entregou uma caixinha, presente de Perséfone para Vênus, e disse que ela precisava completar a missão imposta por sua mãe. Eros então levantou voo e foi ao encontro de Júpiter, que concordou em ajudá-lo e tornou Psiquê uma deusa. Dessa forma, Psiquê pôde se casar com Eros segundo o ritual do Olimpo. Eles tiveram uma filha chamada Volúpia, também conhecida como Prazer.

Portanto, a presente narrativa leva o leitor a refletir sobre o amor e as situações que exigem esforço para o encontro amoroso, como no caso de Romeu e Julieta. Além disso, aborda a necessidade de se enquadrar em padrões de beleza que anulam a totalidade do indivíduo em benefício de uma parte. Esse aspecto do mito e da deusa é explorado no texto, considerando também os aspectos negativos e imperativos da deusa da beleza.

A jornada contemporânea ao Tártaro

A partir do conto de Apuleio, foi possível traçar um paralelo entre a obsessão que Afrodite tem em ser a mulher mais bela e a incessante busca para manter a imagem de beleza dos dias atuais. Na história, Afrodite se torna invejosa e vingativa ao saber que uma mortal, Psiquê, está sendo mais adorada por sua beleza do que ela, a própria deusa da beleza.

Assim como as deusas do Olimpo, a sociedade contemporânea está inserida em um sistema patriarcal, cujo contexto é caracterizado por uma cultura de dominação dos ideais masculinos, que vêm sendo impostos há séculos e estão tão enraizados no pensamento humano atual que são tidos como verdades naturais (Bolen, 1984/1990).

Dentre essas “verdades”, há a cultura da beleza, a cultura da perfeição e da estética, que são internalizadas nas pessoas, gerando o desejo de se encaixar nos ideais dessa cultura para possuir um senso de pertencimento a uma identidade tida como desejável. Sob esse véu, Vigarello (2004/2006) mostra em sua obra “A História da Beleza”⁴, que todos os séculos são marcados por padrões de beleza diferentes.

Nesse sentido, a visão do que é belo e perfeito está sempre em mudança, assim como o corpo humano. Até mesmo as representações de Afrodite mudam, como ocorreu no Renascimento. “Vênus, nas histórias e narrativas, é, mais do que antes, descrita como enfeitada, perfumada, maquiada” (Vigarello, 2004/2006, p. 38). Portanto, esses padrões de beleza não são rígidos e mudam constantemente.

Essa volatilidade dos padrões, por sua vez, pode gerar sentimentos de inadequação ou perda de valor à medida que os padrões ou características físicas do corpo mudam com o tempo. Isso é especialmente verdadeiro para indivíduos mais afetados pelas imagens arquetípicas de Afrodite, que estão fortemente ligadas à atratividade física (Bolen, 1984/1990).

Nessa conjectura, ao suscitar as representações do arquétipo de Afrodite, lidamos com a manifestação de traços da deusa, sejam eles positivos ou negativos. A esse respeito, Bolen (1984/1990) aponta que, de forma saudável, a deusa incentiva a pessoa a enxergar o belo ao seu redor, a valorizar a arte, a sexualidade e o presente. No entanto, os estereótipos de beleza atuais e a valorização dos padrões de expressão corporal naturalizam uma constante busca para se encaixar nesses ideais, intensificando o desenvolvimento de traços negativos da deusa Vênus.

⁴ Vigarello, G. (2006). *História da beleza*. Rio de Janeiro: Ediouro. (Trabalho original publicado em 2004).

Em sua obra “Mulheres, Mitos e Deusas” (2006), a autora Martha Robles descreve essa divindade como “[...] a mais desejada e temida” (Robles, 2006, p. 84). Ademais, Bolen apresenta um pensamento semelhante, afirmando que o arquétipo de Afrodite pode ser muito exigente e discute a influência da deusa nas identidades femininas, que “[...] eram poderosamente afetadas por Afrodite. Impelidas a seguirem as ordens dela e incapazes de resistir a serem atraídas por quem quer que Afrodite ordenasse [...]” (Bolen, 1984/1990, p. 186).

Como uma deusa de presença forte, Afrodite pode intensificar o desejo pela beleza, dominando ou invalidando a pessoa. Nessa perspectiva, cria-se um complexo em que o belo não é visto em sua totalidade, uma vez que ele se torna apenas uma característica ligada ao corpo imediato.

Nessa senda, Jung (1947/2014a) diz que “de fato, um complexo ativo nos coloca por algum tempo num estado de não liberdade, de pensamentos obsessivos e ações compulsivas [...]” (p. 35-36, § 200). Nesse caminho, imaginando a influência desse complexo na vida do sujeito, entende-se que a pessoa tomada por essa energia vê e vivencia apenas o que é caracterizado como belo/correto.

Na história, a divindade da beleza fica tão irada com a possibilidade de não ser a mais bela, que se esconde no fundo do mar. Ou seja, o exterior é uma parte importante de sua identidade, mas seu foco exclusivo no exterior é tão grande que a faz esquecer de considerar outros aspectos de sua beleza, e até mesmo de que ela pode ser tão bela quanto outra. Na atualidade, isso pode ser visto quando o indivíduo possui uma preocupação exacerbada com a própria imagem corporal, que, assim como a deusa, compara sua aparência e se preocupa apenas com o exterior.

No fim do conto, Afrodite dá a Psiquê sua última tarefa: ir ao Tártaro, o próprio inferno, para buscar um creme de beleza. Psiquê aceita o desafio e vai. Todavia, arrisca-se a enfrentar a fúria de sua sogra para ficar mais bela e, com isso, experimenta o produto.

Essas ações são simbolicamente semelhantes ao caminho perseguido por diversas pessoas para alcançar a beleza, já que sempre surgirá um novo procedimento, um novo produto, uma nova cirurgia, que prometem melhoria na aparência e que serão vendidos e impostos como objetos de desejo. Como Kast (2013/2015) aponta: “[...] é preciso ser vistoso e permanecer vistoso – ou eu perco meu direito de existência” (p. 55).

Com efeito, assim como o perigoso caminho traçado por Psiquê, uma pessoa tomada por um complexo ligado a padrões de beleza, com energia negativa, também se colocará em um caminho perverso para se tornar mais bela, não se importando com os riscos.

Por conseguinte, pessoas com um complexo negativo ligado a padrões de beleza podem focar apenas nas percepções exteriores, passando a se ver como os outros as veem. Sobre essa questão, Kast (2013/2015) apresenta que, quando se “mede” e compara a aparência, os indivíduos moldam seus corpos como se esses fossem necessariamente sinônimos de sua identidade.

No entanto, para a autora, a identidade não se reduz ao corpo e às percepções exteriores, mas, inclui, também uma percepção interior, tornando-se imperativo, portanto, ampliar a ideia de identidade no contexto da psicoterapia.

Reflexões para o *setting* terapêutico

As sociedades antigas davam sentido ao mundo através dos mitos. Na contemporaneidade, essa capacidade de produção simbólica foi reprimida devido a uma combinação de mudanças culturais e sociais. Entre elas, destacam-se os avanços científicos, em que a ciência busca explicar o mundo de forma lógica e objetiva, trazendo racionalização e modernidade. Conseqüentemente, isso diminui o espaço para explicações mitológicas e simbólicas, que são vistas como separadas da realidade (Armstrong, 2004/2005).

No entanto, como ferramenta para a interpretação dos símbolos do inconsciente, o trabalho com mitos na psicoterapia contribui de forma significativa para elucidar os clientes/pacientes sobre seus conteúdos mais profundos. Para Jung (1938/2013b), a prática psicoterapêutica é uma relação dialética que visa à transformação. Assim, por meio da interação entre o profissional de psicologia e o paciente/cliente, é possível transformar o complexo.

Jacobi (1957/2017) aponta que processar emocionalmente, ou se conscientizar sobre um complexo, sempre resulta na redistribuição de energia psíquica. Como no complexo, há grande concentração de energia e, dessa forma, sua resolução contribui para que a psique do indivíduo fique mais equilibrada.

Nessa ótica, cabe elucidar que algo que pode causar desequilíbrio nas energias psíquicas é justamente a busca por acessibilidade e economia, uma parte inerente à experiência humana. Desde a infância, as pessoas são moldadas por relações sociais e culturais que influenciam suas escolhas e comportamentos. Com efeito, as expectativas sociais geram uma necessidade de agradar, o que pode levar a uma adaptação excessiva, na qual pode haver o sacrifício da verdadeira essência em nome do conformismo. Esse olhar gera um dilema profundo: quando um indivíduo se perde nas adaptações, pode se distanciar de quem realmente é, tornando-se uma figura artificial e superficial em sua própria vida.

Atualmente, procuramos a alma no exterior do corpo: Não queremos uma alma bonita, mas um corpo bonito [...] Nada contra isso, contanto que a alma preserve seu lugar e seu valor. O sentido da vida pode ser experimentado num corpo lindo – mesmo assim, essa experiência de sentido é muito limitada (KAST, 2013/2015, p. 14-15).

Kast defende que o foco exacerbado na busca de um corpo belo pode gerar uma vivência limitada. Portanto, considerar o todo, e não só o corpo, é importante, pois, de acordo com Jung (1959/2016), para que alguém passe pela individuação, ou seja, experiencie uma vida mais completa e autêntica, deve ser uma unidade autônoma e indivisível, não fragmentada.

É essencial, portanto, analisar de onde vem o desejo de mudanças estéticas, se ele se origina de vontades pessoais, ou apenas de vontades do coletivo. Jung (1957/2015, p. 38-39) afirma:

[...] O indivíduo é obrigado, por exigência da coletividade, a comprar sua individuação através de uma obra equivalente em favor da sociedade. Enquanto isto for possível, também é possível a individuação. Quem não puder fazê-lo, deve submeter-se à exigência direta da coletividade, isto é, às exigências da sociedade que automaticamente toma conta dele. A exigência da sociedade é a imitação ou a identificação consciente, isto é, um trilhar de caminhos aceitos e autorizados.

Isso quer dizer que o indivíduo deve equilibrar sua identidade e, ao mesmo tempo, contribuir com a coletividade. Se não conseguir, acabará se submetendo à vontade do coletivo, mesmo que essa não seja a sua própria vontade. Desse modo, ao reconhecer que a individuação não precisa ser uma rejeição total da coletividade, mas, sim, uma integração consciente com ela, pode-se encontrar um caminho que respeite tanto a singularidade quanto as necessidades sociais. Não obstante, esse processo requer coragem para questionar e redefinir prioridades, para que seja possível criar uma nova narrativa que valorize tanto o indivíduo quanto a sociedade.

A partir dessa consideração, a integração da imagem de Afrodite ao longo do ciclo da vida de uma pessoa pode envolver o reconhecimento da origem e da natureza de suas preocupações com a beleza, permitindo-lhe desenvolver uma relação mais saudável com sua própria aparência e identidade, promovendo a valorização de diferentes formas de beleza. Em outras palavras, Afrodite, como figura de vitalidade e amor, pode ser uma fonte de inspiração para cultivar uma conexão mais profunda consigo mesmo, valorizar e explorar sua própria beleza e sexualidade, ter curiosidade para conhecer pessoas novas, comunicar-se bem e produzir trabalhos criativos, como música, pintura, desenho e dança (Bolen, 1984/1990).

Assim, lidar com as mudanças físicas e reavaliar os valores pessoais são aspectos importantes desse processo. Logo, ao invés de se concentrar apenas na aparência física, as representações do arquétipo de Afrodite podem ser vivenciadas por meio de uma conexão mais profunda com a própria essência interior e com a capacidade de expressar amor e beleza de maneiras diferentes.

Nesse sentido, evidencia-se a necessidade de cultivar um espaço de autoconhecimento e reflexão. Isso pode ser feito por meio da prática da autoanálise, que permite identificar as influências externas que moldam o indivíduo e distinguir entre o que realmente o representa e o que é apenas uma resposta ao desejo de aprovação.

Por fim, é importante buscar comunidades ou relações que incentivem como a autenticidade pode ser transformadora, uma vez que ela proporciona um espaço mais seguro para explorar a individualidade. Essa troca genuína ajuda a encontrar um equilíbrio entre a adaptação social e a preservação da autenticidade. Assim, ao abraçar a complexidade do ser, é possível navegar pelas nuances da própria identidade e viver de maneira mais plena e consciente.

Considerações finais

Por meio desta investigação, revelou-se uma profunda interconexão entre “beleza” e “tragédia”, que não apenas moldam a experiência estética, mas também influenciam a formação e expressão dos complexos na psique humana. A partir da abordagem junguiana, esses dois elementos não podem ser vistos apenas como experiências externas ou eventos isolados, mas como forças psicológicas que ressoam no inconsciente pessoal e coletivo.

À luz dessa reflexão, o estudo proporcionou um entendimento sobre como ocorre a formação de complexos e como eles se relacionam com a mitologia. Com efeito, essa análise permitiu a compreensão de como os mitos podem ser utilizados como exemplos e

representações de conteúdos, bem como se apresentaram como uma forma visível de observar possíveis padrões.

Além disso, foi elucidado que esses padrões estéticos e experiências trágicas são fundamentais para a compreensão dos complexos e das dinâmicas intrapsíquicas. Prova disso, é que a beleza, ao mesmo tempo que possui a capacidade de causar admiração e prazer, também pode despertar ideais e aspirações, provocando a formação de complexos relacionados ao “eu” idealizado e à autoimagem. Isso, por sua vez, pode gerar sentimentos de inadequação e inferioridade, revelando e exacerbando complexos de culpa, medo e insegurança, e, assim, transformando-se em tragédia.

Por conseguinte, essa interseção entre os dois tópicos oferece um campo fértil para a análise dos processos de individuação, em que a integração das experiências estéticas e trágicas pode contribuir para um maior entendimento e equilíbrio psicológico. Por fim, o reconhecimento e a aceitação desses padrões, conforme proposto por Jacobi (1957/2017), são essenciais para o desenvolvimento pessoal e a realização de um estado de equilíbrio interior.

Referências

- Armstrong, K. (2005). *Breve História do Mito*. São Paulo: Cia das Letras. (Trabalho original publicado em 2004).
- Boechat, W. (2008). *A mitopoese da Psique: Mito e individuação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bolen, J. S. (1990). *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. São Paulo: Paulus. (Trabalho original publicado em 1984).
- Hall, C. S. & Nordby, V. J. (2021). *Introdução à psicologia junguiana*. 2. ed. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix. (Trabalho original publicado em 1986).
- Jacobi, J. (2017). *Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C.G. Jung*. Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1957).
- Jung, C. G. (2014a). *A natureza da psique* (OC, Vol. 8/2). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1947).
- Jung, C. G. (2015). *A vida simbólica: escritos diversos* (OC, Vol. 18/2). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1957).
- Jung, C. G. (2016) *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (OC, Vol. 9/1). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1959).
- Jung, C. G. (2014b). *O eu e o inconsciente* (OC, Vol. 7/2). Petrópolis, Vozes. (Trabalho original publicado em 1928).
- Jung, C. G. (2013a) *Psicologia do inconsciente* (OC, Vol. 7/1). Petrópolis, Vozes. (Trabalho original publicado em 1916).

- Jung, C. G. (2013b). *Psicologia e religião oriental* (OC, Vol. 11/5). Petrópolis, Vozes. (Trabalho original publicado em 1938).
- Kast, V. (2015). *A alma precisa de tempo*. Petrópolis, RJ : Vozes. (Trabalho original publicado em 2013).
- Kast, V. (2022). *A sombra em nós: a força vital subversiva*. Petrópolis, RJ : Vozes. (Trabalho original publicado em 1999).
- Kast, V. (2016). *O caminho para si mesmo*. Petrópolis, RJ : Vozes. (Trabalho original publicado em 1992).
- Neumann, E. (2017). *Eros e Psiquê: Amor, Alma e Individuação no Desenvolvimento do Feminino*. São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1971).
- Santaella, L. (2008). *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*. (3. ed.). São Paulo: Paulus. (Trabalho original publicado em 2004).
- Vigarello, G. (2006). *História da beleza*. Rio de Janeiro: Ediouro. (Trabalho original publicado em 2004).
- Whitmont, E. C. (1991). *Retorno da Deusa*. São Paulo: Summus. (Trabalho original publicado em 1982).
- Woodman, M. (2002). *O vício da perfeição: compreendendo a relação entre distúrbios alimentares e desenvolvimento psíquico*. São Paulo: Summus. (Trabalho original publicado em 1982).